

SOB A TINTA

ARMANDO DE SENNA **BITTENCOURT***
Vice-Almirante (Ref²-EN)

Em agosto de 2015, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM) recebeu, do presidente da Liga dos Amigos do Museu Naval Luiz Fernando Dannemann, doações de quadros referentes a temas navais de provável interesse do Museu. Suas doações sempre foram muito bem-vindas e enriqueceram o acervo de obras de arte da Marinha.

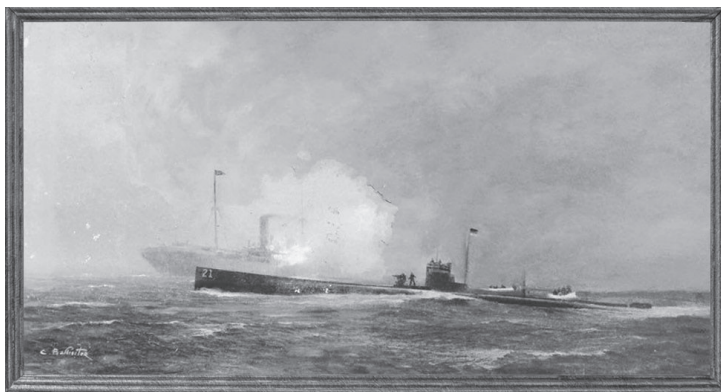
Uma das obras, assinada pelo importante pintor brasileiro de marinhas Carlos Balliester (1874-1926), à primeira vista, parecia não ter importância para a História Naval. Ela retrata, a óleo, um submarino alemão com a bandeira atual da Alemanha. O fundo estava

muito retocado, totalmente coberto por uma camada de tinta bege. Curiosamente, nem a bandeira moderna alemã se adequava ao tipo do submarino retratado, bem mais antigo, nem a obra combinava com o estilo de Balliester. O submarino estava identificado pelo indicativo 21 em sua proa. Seguramente, tratava-se de um *Unterseeboot* da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o U-21, um dos que mais se destacaram e cujos sucessos são bastante conhecidos na história daquela guerra. Tinha-se, portanto, uma interessante descoberta e um mistério a ser desvendado, fortuitamente quando se rememora o centenário do conflito.

*Engenheiro Naval pela Universidade de São Paulo, Mestre pela Universidade de Londres, Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro da Academia de Marinha de Portugal e de várias outras instituições congêneres. Colaborador assíduo da *RMB*.

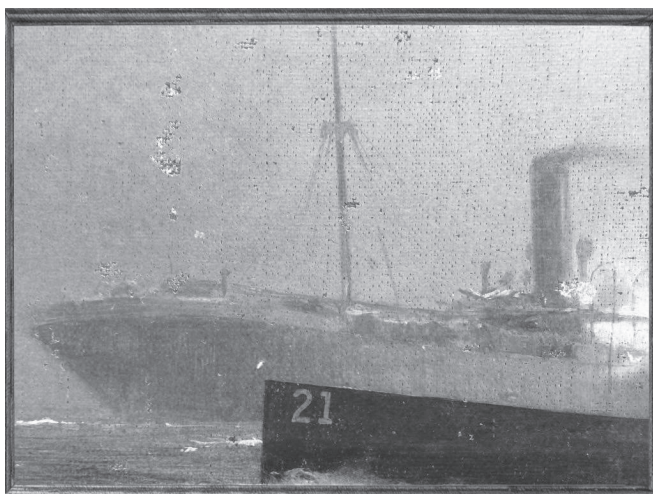
A Marinha do Brasil possui muitas obras de Balliester em seu acervo, cuidadosamente controlado e preservado pela DPHDM. A maioria delas retrata navios de guerra brasileiros do final do século XIX e início do século XX, cujas imagens são importantes para a preservação da memória naval. Alguns desses navios participaram da Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG), que, na Primeira Guerra Mundial, recebeu a missão de patrulhar a costa da África entre Dacar e o Estreito de Gibraltar, em operações de guerra. Por isso, Balliester é o pintor de marinhas, das três primeiras décadas do século XX, de maior interesse para a Marinha do Brasil. Como se isso não bastasse, suas obras, em estilo acadêmico, são de excelente qualidade, com céus e mares pintados com delicadeza e navios em que ele mostra os detalhes com a exatidão de um conhecedor.

Era preciso, portanto, restaurar o quadro do submarino alemão de Carlos Balliester para saber o que ele pintou. Primeiro, confirmaram-se, com o emprego da luz ultravioleta, as extensas intervenções e retoques que a obra sofrera no passado. Depois, a restauradora profissional da Diretoria, Maria Augusta Evangelista Fernandes, que



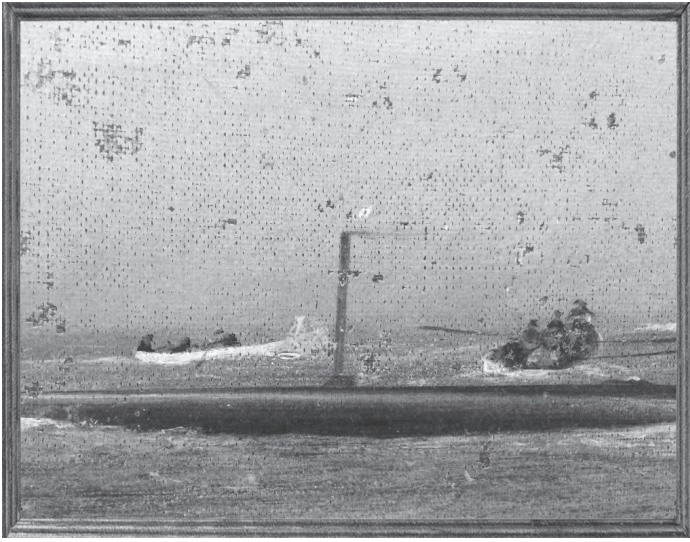
Início da restauração, já aparecendo o mercante sendo afundado a tiros de canhão. O lado esquerdo do fundo ainda com a tinta parda

é formada pela Escola de Belas Artes e servidora civil da Marinha, iniciou a cuidadosa remoção da grossa camada de tinta parda do fundo. Logo apareceu a imagem de um navio mercante de bandeira britânica (a vermelha usada pela Marinha Mercante) que estava



U-21— Detalhe do indicativo na proa do submarino e ao fundo a popa do mercante britânico

sendo afundado por tiros do canhão do U-21. Foram removidos os pesados retoques que descaracterizavam o estilo de Balliester e, com eles, também as listas vermelha,



Botes com a tripulação que abandonou o navio

amarela e preta da bandeira alemã atual. Revelou-se, então, a bandeira de guerra do Império alemão, basicamente branca com a cruz negra, característica do período da Primeira Guerra Mundial, como era previsível. Outro detalhe importante é que se constatou ao fundo a existência de botes, seguramente com a tripulação do navio. O comandante do U-21 tinha, portanto, cumprido as regras da Lei de Presas: veio à superfície, mandou

que a tripulação do mercante o abandonasse e depois afundou-o a tiros de canhão; inclusive para não gastar seus torpedos, preservando-os principalmente para atacar navios de guerra.

Por que a cena de guerra estava propositadamente escondida sob a repintura parda? Não há como saber, mas é provável que um dos proprietários do passado, não gostasse de ter em sua casa uma cena de violência e resolveu transformá-la em um simples retrato de um submarino alemão com a bandeira atual da Alemanha, que foi adotada em 1949.

O U-21, que foi retratado pelo artista, destacou-se em vários episódios da Primeira Guerra Mundial. Foi construído no Kaiserliche Werft, Dantzig (hoje Gdansk, Polônia), lançado ao mar em fevereiro de 1913 e incorporado à Marinha Imperial alemã em outubro daquele ano. Era um dos quatro submarinos da classe do U-19, tipo UB II, a primeira classe de submarinos alemães equipados com motores diesel, no caso dois motores de oito cilindros MAN. Os motores elétricos da propulsão foram fabricados pela AEG e acionavam dois eixos e hélices. Essa propulsão lhes proporcionava uma velocidade máxima de 15,4 nós na superfície e 9,5 nós submerso (máximo).

O U-21 tinha 64,15 metros de comprimento e 6,4 de boca; deslocava 650 toneladas na superfície e 873 submerso. Sua tripulação era de quatro oficiais e 25 praças.

Era um dos submarinos do início da guerra, quando a Marinha da Alemanha ainda não confiava na eficácia desse meio e lhe atribuía um papel puramente defensivo. O Almirante Tirpitz, que dirigiu a preparação da Esquadra alemã, considerava mais



Canhão do submarino atirando

importante construir encouraçados, que disputariam o domínio dos mares, do que aplicar os recursos disponíveis em submarinos, que ele via como meras embarcações experimentais. As primeiras missões que lhes foram confiadas, nos primeiros dias dessa guerra, de certa forma confirmaram esses preconceitos, pois os submarinos falharam por não avariar ou afundar navios inimigos, mostrando, portanto, um desempenho em nada animador.

O U-21, no entanto, um pouco mais tarde encontrou o Cruzador Ligeiro HMS *Pathfinder* ao largo do Firth of Forth, na Escócia, e lançou um torpedo que atingiu o paiol de munição de vante deste cruzador, afundando-o. Tornou-se, assim, o primeiro submarino alemão que afundou um navio de guerra inimigo. Seu comandante era o Capitão-Tenente Otto Hersing, que o comandou por quase quatro anos, durante a guerra, até 1918.

Esse acontecimento confirmou o receio que o comandante em chefe da Esquadra britânica, o Almirante Jellicoe, tinha da ameaça de ataques com submarinos equipados com torpedos. Ele conhecia muito bem os armamentos que estavam disponíveis para a Primeira Guerra Mundial, sendo um dos oficiais que promoveram as mudanças operativas necessárias para modernizar a Marinha Real britânica. No caso de submarinos, embora estes fossem ainda pouco eficazes, não havia como detectá-los e destruí-los quando submersos. Isto somente se tornou possível no final de 1916, quando desenvolveram as cargas de profundidade, que explodiam a uma distância da superfície previamente regulada, e quando já existiam hidrofones eficazes para detecção. Outros oficiais, menos capazes e mal informados, acreditavam que ele exagerava na gravidade da ameaça.

Essa imprevidência causou a grande tragédia seguinte, que ocorreu quando o U-9 alemão atacou com torpedos e afundou os três velhos cruzadores britânicos da classe

Bachante, que patrulhavam a entrada Norte do Canal, ao largo da costa da Holanda, numa região chamada de Broad Fourteens, causando a perda de 62 oficiais e 1.397 praças. Não faltaram alertas vindos de alguns bons oficiais, inclusive do Comodoro Roger Keyes, que comandava a Flotilha de Submarinos britânica, de que esses cruzadores estavam em uma situação muito vulnerável.

Outros afundamentos de navios de guerra por torpedos e minas se seguiram, agravando o temor de ataques de submarinos na Marinha Real britânica e os receios do Almirante Jellicoe, que mais tarde seria criticado por algumas de suas decisões cautelosas no comando da Grande Esquadra. No entanto, é bom lembrar que Churchill disse que Jellicoe estava em uma posição na Batalha Naval da Jutlândia em que era o único homem, em ambos os lados, que poderia perder a guerra em uma tarde.

Apesar do emprego de submarinos contra navios de guerra se mostrar viável antes do desenvolvimento de equipamentos de detecção e de armas para atacá-los submersos, foi no emprego contra o tráfego marítimo, afundando navios mercantes e afetando as linhas de comunicação e o abastecimento do inimigo, que eles se mostraram de fato eficazes nas duas guerras mundiais do século XX.

Ainda em outubro de 1914, nos primeiros meses da guerra, um submarino alemão, o U-17, fez sua primeira vítima mercante. Em novembro, o próprio U-21 afundou dois pequenos navios próximo a Le Havre e depois, em janeiro, três outros mercantes, em um mesmo dia, perto de Liverpool. Em todos esses afundamentos, o U-21 cumpriu todas as regras, respeitando a tripulação inimiga, como mostrado no quadro agora pertencente ao acervo da Marinha do Brasil.

Em 1915, porém, deixou-se de seguir as regras existentes na legislação de presas, e os submarinos começaram a afundar

navios mercantes sem aviso prévio. Nas guerras de longa duração, em geral, perde-se o cavalheirismo, até mesmo porque procedimentos repetitivos tornam-se perigosos, por possibilitarem ciladas. O próprio U-21 teve problemas, mais tarde, com um navio mercante armado que o obrigou a submergir.

Em janeiro de 1915, no entanto, quando o U-21 afundou os navios mercantes *Linda Blanche* e *Kilcuan*, seu comandante, Hersing, ainda seguiu as regras e mandou que as tripulações abandonassem os navios antes de afundá-los.

Esse submarino voltou a ter destaque naquela guerra quando foi avistado, em 17 de maio de 1915, navegando na superfície no Estreito de Gibraltar, com destino a Galípoli. Primeiro, ele fez uma escala na base austríaca de Pola e depois seguiu para a Turquia, que participava da guerra como aliada da Alemanha.

O desembarque de tropas aliadas em Galípoli, na Turquia, procurava resolver o impasse das trincheiras na guerra terrestre da frente ocidental europeia e poderia socorrer a Rússia, que estava isolada na frente oriental, se tivesse bom êxito. A Marinha Real britânica e a Marinha da França haviam enviado velhos encouraçados para bombardear os fortes turcos e as posições inimigas em terra.

No dia 25 de maio, o U-21 torpedeou e afundou o Encouraçado HMS *Triumph* ao largo da praia cujo codinome no desembarque era *Anzac*, à vista das tropas de ambos os lados beligerantes e forçando os navios britânicos a se afastarem da região por precaução. No dia seguinte, regressando para continuar o bombardeio de terra, o velho Encouraçado HMS *Majestic*, apesar das redes de proteção antitorpédicas dispostas em torno de seu casco, também foi para o fundo, atingido por torpedos do U-21. Por essas ações, a tripulação deste submarino recebeu a Cruz do Kaiser Guilherme II e o

Comandante Hersing, o Pour le Mérite, do Império alemão.

No Mar Mediterrâneo, depois de participar da Flotilha de Constantinopla, o U-21 foi incorporado à Marinha Imperial austro-húngara, com um novo indicativo, SM U-36. Nesse período austríaco destacou-se por ter afundado o cruzador francês *Amiral Charner* e outros navios.

Foi devolvido, em outubro de 1916, chegando à Alemanha em março de 1917. Desde janeiro de 1916, os alemães tinham resolvido intensificar o emprego de seus submarinos na guerra de corso contra os navios mercantes que abasteciam o esforço de guerra do Reino Unido. Inicialmente atacou somente os navios dos países beligerantes e, após a Batalha Naval da Jutlândia, atacou indiscriminadamente, inclusive navios dos neutros. O U-21 participou desse último esforço da Alemanha.

Em novembro de 1918, o U-21 foi transformado em submarino de treinamento e, depois da guerra, afundou acidentalmente, quando estava sendo rebocado para a Grã-Bretanha por um navio de guerra britânico, em fevereiro de 1919.

Ao todo, durante a Primeira Guerra Mundial, o U-21, sempre comandado pelo Capitão-Tenente Otto Hersing, atacou 42 navios, afundando quatro navios de guerra britânicos, 36 mercantes de várias nacionalidades e avariando dois, perfazendo um total de 113.580 toneladas afundadas e 8.918 avariadas. Foi o segundo submarino alemão em afundamentos nessa guerra.

Otto Hersing foi apelidado pelos colegas de “*Zerstörer der Schlachtschiffe*”, o “Destruidor de Encouraçados”. Foi promovido a Capitão de Corveta em março de 1919 e deixou o serviço ativo da Marinha neste posto, em 1924. Faleceu em 1960, com 74 anos, na cidade de Oldenburg.

Sem dúvida, uma longa e brilhante história de um submarino em guerra e de seu

comandante. Mas o que fez com que Carlos Balliester pintasse o U-21 afundando um navio mercante? Talvez a encomenda de um imigrante alemão que se instalou definitivamente no Brasil no período entre-guerras. Teria sido parte da tripulação do U-21? Acho que nunca se saberá. Seja o que for, ocorreu há mais de 90 anos.

Por que escolheu Balliester? Não é difícil imaginar, pois ele era o melhor pintor de navios daquele tempo. Sua neta, que não o conheceu, pediu, num *blog* na internet,

colaborações para ampliar as informações sobre o pintor. Cita Gastão Penalva, que descreve seu avô como um tipo bem brasileiro, funcionário público, de jeito humilde. Sua paixão, segundo ela, era pintar os navios de guerra da Marinha. Tinha orgulho de conhecer muito bem todas as partes de um navio e de saber para que serviam. Todos os almirantes o conheciam, inclusive o Ministro Alexandrino de Alencar. A Marinha sempre o prestigiou, e ele deixou para ela um legado precioso.



Quadro no estado atual, faltando a reintegração cromática das áreas escuras do céu (sem tinta)

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<PSICOSSOCIAL>; Pintura;